



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E FRANCÊS**

RUAN VALES VIANA

**PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DE /S/ EM CODA MEDIAL PELOS FALANTES
INDÍGENAS DE PORTUGUÊS L2 EM OIAPOQUE - AP**

Macapá/AP
2023

RUAN VALES VIANA

**PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DO /S/ EM CODA MEDIAL PELOS FALANTES
INDÍGENAS DE PORTUGUÊS L2 EM OIAPOQUE - AP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras Português e Francês do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Celeste Maria da Rocha Ribeiro

Macapá/AP

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2 / 989

V614p Viana, Ruan Vales.

Perfil sociolinguístico de /S/ em coda medial pelos falantes indígenas de português L2 em Oiapoque - AP / Ruan Vales Viana. - Macapá, 2023.
1 recurso eletrônico. 54 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Letras Português e Francês, Macapá, 2023.
Orientador: Celeste Maria da Rocha Ribeiro.

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Sociolinguística. 2. Português Indígena. 3. /S/ em coda silábica. I. Ribeiro, Celeste Maria da Rocha, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 372.4

VIANA, Ruan Vales. **Perfil sociolinguístico de /S/ em coda medial pelos falantes indígenas de português L2 em Oiapoque - AP.** Orientador: Celeste Maria da Rocha Ribeiro. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Letras Português e Francês. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

RUAN VALES VIANA

**PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE /S/ EM CODA MEDIAL PELOS FALANTES
INDÍGENAS DE PORTUGUÊS L2 EM OIAPOQUE - AP**

Data da Aprovação: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Celeste Maria da Rocha Ribeiro
Universidade Federal do Amapá
Campus Marco Zero do Equador - UNIFAP
ORIENTADORA E PRESIDENTE DA BANCA

Prof.^a Dr.^a Cilene Campetela
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
AVALIADOR

Prof. Dr. Romário Duarte Sanches
Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)
AVALIADOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de cursar a graduação de licenciatura em letras na Universidade Federal do Amapá, pela saúde e pela proteção.

À minha amada companheira Victória Andrade, obrigado pela compreensão, pelo apoio e por estar sempre ao meu lado.

Agradeço também a minha mãe, Roseli Pena, minha rainha, que tanto lutou para que pudéssemos vencer através de nossos estudos.

Aos meus pais de coração: Iracenir Pena e Minerval Francisco, e meus irmãos, Fernanda Vales e Igor Colares, por todo amor, apoio e incentivo durante essa jornada.

À minha querida orientadora Celeste Ribeiro, obrigado por todo auxílio, por ter compartilhado tanto conhecimento comigo, pela oportunidade de ingressar no grupo de pesquisa ALAP e por ter acreditado em minhas capacidades.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Amapá pela formação docente, através de seus qualificados professores do curso de Letras.

RESUMO

Estudos variacionistas do Português Brasileiro (PB) como primeira língua (L1) destacam grandes possibilidades de variação das consoantes fricativas, principalmente em posição de coda silábica, seja medial (interna) ou final. Nessa perspectiva, em termos fonéticos e fonológicos, observa-se que, em coda medial, duas variantes são usadas com mais frequência pelos falantes de PB L1: de um lado temos a fricativa alveolar [s] e do outro a fricativa palatal [ʃ, ʝ] (DINAH CALLOU, 1996; ALZIRA MACEDO; MARTA SCHERRE, 1991; RAZKY; SANTOS, 2020). Dessa forma, a partir dos estudos já realizados no PB L1 a respeito da variação de /S/ em coda medial, nesta pesquisa objetiva-se mapear este perfil de variação no PB segunda língua (L2) falado por indígenas da etnia *Galibi Marworno* moradores do município de Oiapoque no estado do Amapá. O *corpus* deste trabalho advém de recorte de dados da tese de doutorado de Ribeiro (2018) considerando 9 falantes da etnia Galibi Marworno, os quais totalizaram 417 dados registrados de /S/ em coda medial e suas respectivas variantes. A partir dos dados obtidos, observou-se a predominância da variante fricativa palatal [ʃ, ʝ] (77,94%), percebeu-se também ocorrências das variantes fricativa glotal [h] (15,11%) e zero fonético [ø] (6%), cujos contextos de produção foram mais restritos. Quanto às variáveis extralinguísticas, não houve resultados significativos para afirmarmos que há grandes diferenças entre o falar de jovens e adultos ou mesmo entre graus de escolaridade.

Palavras-chave: Sociolinguística. Português indígena. /S/ em coda silábica. Galibi Marworno.

RÉSUMÉ

Études variationnistes du Portugais Brésilien (PB) comme première langue (L1) mettent en évidence des grands possibles de variation des consonnes fricatives, principalement en position de coda syllabique, médiale (interne) ou finale. De ce point de vue, sur le plan phonétique et phonologique, on observe que, dans la coda médiale, deux variantes sont utilisées plus fréquemment par les locuteurs du PB L1 : d'un côté nous avons la fricative alvéolaire [s] et de l'autre la fricative palatine [ʃ, ʒ] (DINAH CALLOU, 1996; ALZIRA MACEDO & MARTA SCHERRE, 1991; RAZKY & SANTOS, 2020). Ainsi, sur la base des études déjà réalisées en PB L1 concernant la variation de /S/ en coda médiale, cette recherche vise à cartographier ce profil de variation en PB langue seconde (L2) parlée par les autochtones de l'ethnie Galibi Marworno qu'habitent dans la ville d'Oiapock dans l'état d'Amapá. Le corpus de ce travail provient de coupures de données de la thèse de doctorat de Ribeiro (2018) considérant 9 locuteurs de l'ethnie Galibi Marworno, qui totalisaient 417 données enregistrées de /S/ dans la coda médiale et ses variantes respectives. À partir des données obtenues, il a été observé la prédominance de la variante fricative palatine [ʃ, ʒ] (77,94%), il a également été remarqué des occurrences des variantes fricatives glottales [h] (15,11%) et du zéro phonétique [∅] (6 %), dont les contextes de production étaient plus restreints. Quant aux variables extralinguistiques, il n'y a pas de résultats significatifs pour nous permettre d'affirmer qu'il existe de grandes différences entre les discours des jeunes et des adultes ou même entre les niveaux d'études.

Mots Clés: Sociolinguistique. Portugais des peuples autochtones. /S/ en coda syllabique. Galibi Marworno.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: comparação da variação de /S/ em coda silábica interna nos atlas linguísticos da região norte.	24
Gráfico 2: Ocorrência das variantes de /S/ em coda medial	33
Gráfico 3: Comportamento de /S/ antes das africadas /tʃ/ e /dʒ/	40
Gráfico 4: Atuação de /S/ em coda medial quanto à variável escolaridade	43
Gráfico 5: Atuação de /S/ em coda medial quanto à variável idade.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: terras Uaçá, Galibi e Juminã	26
Figura 2: Plataforma TypeIT – International Phonetic Alphabet (IPA) Full.	29
Figura 3: Carta Fonética F08 (ALAP, 2017): /S/ em coda silábica posição interna – realização palatal	34
Figura 4: Cartograma fonético (VIANA, 2023): /S/ em coda silábica posição interna – realização palatal – Português Brasileiro Galibi Marworno.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação da estrutura silábica (SELKIRK, 1982; PIKE E PIKE, 1947; FUDGE, 1969).	22
Quadro 2: Possibilidades de ramificação do Onset, do Núcleo e da Coda	22
Quadro 3: Distribuição alofônica de /S/ em coda medial e final	23
Quadro 4: Quantitativo e distribuição dos informantes por variáveis extralinguísticas	31
Quadro 5: Atuação da variável contexto subsequente na realização do /S/ em coda medial no PB L2.....	37

LISTA DE CARTOGRAMAS FONÉTICOS CONTEXTUAIS

Cartograma fonético contextual 1: /S/ diante da nasal /m/ - Vocábulo “mesmo” ..	39
Cartograma fonético contextual 2: /S/ diante de /dʒ/ - Vocábulo “desde”	41
Cartograma fonético contextual 3: /S/ diante de [tʃ]	42

LISTA DE SIGLAS

ALAP: Atlas Linguístico do Amapá.

L1: Primeira Língua.

L2: Segunda Língua.

PB: Português Brasileiro.

PBI: Português Brasileiro Indígena.

TI: Terra Indígena.

SV: Sociolinguística Variacionista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	14
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E GEOLINGUÍSTICA: ALGUNS APONTAMENTOS	18
2.2 CONTATO LINGUÍSTICO	20
2.3 ESTRUTURA SILÁBICA E /S/ EM POSIÇÃO DE CODA	21
2.4 A VARIÁVEL /S/ EM CODA SILÁBICA NA REGIÃO NORTE	23
3 LOCAL DA PESQUISA/REGIÃO ESTUDADA	25
3.1 OIAPOQUE E OS POVOS INDÍGENAS	25
4 METODOLOGIA	28
4.1 CORPUS DA PESQUISA	28
4.2 NATUREZA DA PESQUISA	29
4.3 TRANSCRIÇÃO FONÉTICA E COMPILAÇÃO DOS DADOS	29
4.4 DESENVOLVIMENTO, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.5 PERFIL DOS INFORMANTES	30
4.6 AS VARIÁVEIS EM ESTUDO	31
4.6.1 Variável dependente	31
4.6.2 Variáveis independentes	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	32
5.1 PERFIL GERAL DE REALIZAÇÃO DE /S/ EM CODA MEDIAL NO PB L2 FALADO PELOS INDÍGENAS GALIBI MARWORNO	32
5.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	35
5.2.1 /S/ em coda medial: contexto subsequente	36
5.3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS	43
5.3.1 Variável escolaridade	43
5.3.2 Variável idade	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
7 REFERÊNCIAS	48
8 ANEXOS	54
8.1 ANEXO 1: CODIFICAÇÃO E TABULAÇÃO DOS DADOS TRANSCRITOS POR FALANTE	54

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Estudos variacionistas do Português Brasileiro (PB) destacam possibilidades de variação das consoantes fricativas, principalmente em posição de coda silábica, seja medial (interna) ou final, (DINAH CALLOU, 1996; ALZIRA MACEDO; MARTA SCHERRE, 1991). Nessa perspectiva, em termos fonéticos e fonológicos, observa-se que duas variantes são usadas com mais frequência pelos falantes de PB L1, de um lado temos a fricativa alveolar [s] e do outro a fricativa palatal [ʃ, ʝ]. (DINAH CALLOU, 1996; ALZIRA MACEDO; MARTA SCHERRE, 1991; RAZKY; SANTOS, 2020).

Dependendo da região onde os dados são coletados, essas variantes dividem as posições mais prestigiadas, de forma geral, estão frequentemente em primeiro ou segundo lugar no que diz respeito à recorrência de seus usos. Nesse sentido, Razky e Santos (2020) mostram um contínuo dialetal no Amazonas relativo às duas variantes supracitadas. Assim, os pesquisadores constataram que nas localizações mais próximas de Rondônia, a fricativa alveolar é mais realizada. Em contraponto, nas localidades geograficamente mais próximas do Pará, os falantes utilizam mais a fricativa palatal, essa, por sua vez, é mais recorrente no falar paraense, assim como no amapaense (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

Olhando para o contexto do falar amapaense, Razky e Santos (2020) destacam que as variantes palatais [ʃ, ʝ], em posição de coda interna, estão presentes em 94% dos dados do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Dessa forma, partindo das discussões e estudos sobre o /S/ no português L1, este trabalho busca identificar o perfil linguístico dessa variável no PB L2 falado por indígenas, da etnia Galibi-Marworno, moradores da região de Oiapoque/AP, sendo, portanto, de cunho variacionista e dialetológico, pois evidenciará o comportamento fonético-fonológico do /S/ em posição de coda medial.

Nesta pesquisa, entende-se o PB L2 a partir dos pressupostos de Ribeiro (2018) sob a perspectiva do contato linguístico. Para a autora, os Galibi Marworno falam duas línguas: o kheuól e o português, “esse, para alguns tem status de L2 e para outros, como as crianças e jovens, equivale à L1 tal qual o kheuól” (RIBEIRO, 2018, p. 100). Dessa maneira, o recorte de dados desta monografia contempla, somente, Indígenas Galibi Marworno, falantes de kheuól L1 e PB L2 (RIBEIRO, 2018).

A escolha pela etnia Galibi Marworno ocorre devido ao fato dessa possuir falantes em maior proporção do kheuól e do português (RIBEIRO, 2018), sendo melhor para visualizar o uso do português como segunda língua, bem como pelo maior quantitativo de dados do perfil de /S/ em coda medial. Além disso, há poucos estudos que busquem registrar variações do PB L2 ou Português Brasileiro Indígena (PBI) falado nessa comunidade, vale mencionar a dissertação de Carvalho (2019) que trabalha com os Galibi Marworno, buscando mapear em nível fonético, a partir do contato do PBI com o Kheuól, realizações de vogal média pretônica vogal média pretônica [e]; manutenção do ditongo [eɪ], [ou] e /R/ em coda silábica na posição interna.

Retornando ao funcionamento do fonema /S/ em coda na região Norte do Brasil, selecionou-se o estudo de Maia (2017), o qual discute acerca do enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas, abordando os principais fenômenos linguísticos que ocorrem na posição de coda medial, a exemplo da aspiração/glotalização e apagamento fonético, bem como os fatores linguísticos que os motivam. Nesse viés, no que se refere à discussão dos dados encontrados nesta pesquisa, far-se-ão necessárias comparações com o trabalho de Maia (2017), a fim de constatar convergências ou divergências, principalmente nos termos da análise linguística e dos contextos subsequentes.

Partindo para o viés sociolinguístico da análise, Labov (1972, p. 238) destaca que “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos”. Dessa maneira, é de suma importância conhecer a realidade da comunidade a ser estudada, a fim de se entender determinadas ocorrências.

Nesse sentido, Oiapoque, local de estudo desta pesquisa, situa-se na fronteira setentrional norte brasileira, distante cerca de 600 quilômetros da capital do estado do Amapá, Macapá, ligando-se a esta pela rodovia BR-156; distribui-se por uma área com cerca de 22.625 km² e, segundo dados do censo (2022) o município apresenta uma população estimada de 27.778 pessoas. Há intenso fluxo migratório entre os povos de Oiapoque e da Guiana Francesa, sobretudo através de Saint-Georges, cidade localizada a 60 km da foz do rio Oiapoque, fronteira natural com o Brasil.

A localização fronteiriça de Oiapoque indica a realidade multilíngue da cidade, caracterizada pelo emprego de vários dialetos e línguas, com destaque para a portuguesa, língua oficial, a mais usada pelos falantes (DAY, 2005, p. 68); língua

francesa e as indígenas da região, como o *kheuól*, cujo emprego e circulação são em contextos mais específicos.

Nesse sentido, esta pesquisa desenvolveu-se a partir de trabalho de caráter preliminar, realizado pelo grupo de pesquisa Atlas Linguístico do Amapá (ALAP/CNPq/UNIFAP). Neste, Viana e Ribeiro (2021) discutem o perfil sociolinguístico de /S/ em coda medial no Português Brasileiro (PB) falado por indígenas em Oiapoque – AP. O *corpus* do estudo em questão também advém de um recorte de dados usados na tese de doutorado de Ribeiro (2018), porém com um número menor de falantes e sem utilizar uma etnia específica.

Viana e Ribeiro (2021) observaram que a variante fricativa glotal [h], até então considerada menos prestigiada, foi a segunda mais recorrente nos dados analisados (11,54%). A primeira continuou sendo a palatal [j] (84,44%), tal como no PB L1; a fricativa alveolar [s] foi produzida somente em 3,85% dos casos, seguida pelo apagamento fonético (2,88%). No que tange ao grupo social relativo à escolaridade, notou-se considerável aumento de ocorrências da fricativa glotal [h] com 14,81%, assim como para a variante zero fonético [ø] com índices de 7,41%. Esse recorte evidencia que essas variantes, até então consideradas menos prestigiadas, são mais frequentes no falar dos indígenas de baixa escolaridade.

Dessa maneira, almejando à ampliação dessas discussões e ao aprofundamento nos estudos do PB L2 falado por indígenas na região de Oiapoque – AP, a partir de uma análise que contemple não só os fenômenos linguísticos encontrados, mas que, considere também, a atuação dos fatores extralinguísticos nas realizações pelos falantes, justifica-se esse estudo. Desse modo, esta pesquisa insere-se aos objetivos do Grupo de Pesquisa Atlas Linguístico do Amapá – Fase II (ALAP), por meio de descrição das principais realizações linguísticas presentes no falar amapaense, e no caso deste trabalho, no campo fonético-fonológico.

Sendo assim, nossas questões de pesquisa configuram-se da seguinte maneira: qual o perfil sociolinguístico do fonema /S/ em posição de coda medial no falar dos indígenas Galibi-Marworno em Oiapoque? Qual a recorrência de produção das variantes de /S/? Quais variáveis podem apresentar atuação relevante no condicionamento de cada variante? A fim de respondê-las, buscamos como objetivo geral descrever e analisar perfil sociolinguístico de /S/ em posição de coda silábica medial no PB L2 falado por indígenas da etnia Galibi-Marworno, moradores da cidade de Oiapoque – AP.

Quanto aos objetivos específicos busca-se: i) Evidenciar as principais variantes de /S/ que caracterizam o português L2 falado pelos indígenas da etnia Galibi Marworno; ii) Destacar as principais variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam no condicionamento do /S/ nas posições de coda medial no Português Brasileiro (PB); iii) Observar se há similaridades entre as ocorrências de /S/ no PB L2 falado por indígenas de Oiapoque/AP e o PB L1 falado pelos amapaenses, conforme apontam as cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A diversidade linguística em todas as suas manifestações de uso caracteriza-se como um elemento muito frequente nos estudos que envolvem a linguagem verbal, em que a questão social se torna um elemento inerente às línguas, independente da função, status, origem ou frequência de uso pelo falante. De acordo com Scherre (2005, p. 10):

As línguas humanas são, sem dúvida, excelentes instrumentos de comunicação, embora mal-entendidos entre os seres humanos sejam comuns, mesmo quando há domínio de uma mesma língua, de uma mesma variedade. As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

Labov (1972, 1994, 2001) defende essa relação quando destaca que durante a observação e a descrição de uma língua, fatores linguísticos e fatores sociais sejam observados, pois, dessa maneira, o entrelaçamento entre esses vetores possibilita investigar e descrever a sistematicidade da variação inerente às línguas. Nessa perspectiva, em um estudo sociolinguístico, procura-se estabelecer as correlações entre os fatos linguísticos e os sociais, buscando um conhecimento mais claro acerca da variação linguística.

Corroborar-se com Scherre (1988, p. 40), ao pontuar que “a variação existe no comportamento linguístico individual, e que ela reflete, a nível grupal, o comportamento linguístico de indivíduos que variam da mesma forma”. Assim, na comunidade investigada nesta pesquisa, os usos variáveis podem ocorrer tanto nos

falantes de português L1, como nos falantes de português L2, assim como nos falantes bilíngues (francês-português; língua indígena-português) moradores do local investigado.

Portanto, vale afirmar que este estudo tomará por base alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, a saber: a ideia de variação inerente, de heterogeneidade ordenada, de regras variáveis e de participação do falante em um conjunto de normas compartilhadas, as quais serão explicitadas por meio de comportamentos avaliativos e pelos padrões variacionistas empregados.

2.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E GEOLINGUÍSTICA: ALGUNS APONTAMENTOS

A Sociolinguística Variacionista (SV), em geral, propõe estudar as variações da língua usada em comunidades de fala, procurando observar e apontar as motivações estruturais e sociais responsáveis pela implementação das variantes e pelos processos de mudança que se desenvolvem. Seu precursor é William Labov. Na mesma linha desse estudioso, estão Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) que partem da ideia de que estruturas heterogêneas são necessárias para o funcionamento real de uma língua e que o falante é capaz de compreender essa heterogeneidade; assim, para a perspectiva variacionista, os fenômenos de variação e mudança são inerentes às línguas. Desse modo, analisar a língua segundo essa perspectiva é considerar a relação desenvolvida no binômio língua – sociedade.

Nessa perspectiva, alia-se à SV uma tendência mais voltada à distribuição da variação linguística numa perspectiva espacial denominada Geolinguística, a qual segundo Brandão (2009, p. 106) possui como tarefa “selecionar e controlar rigorosamente as variáveis sociais que lhe parecem mais adequadas a uma descrição que indique, de forma fidedigna, as principais características das comunidades de fala retratadas”. Assim, através do enfoque variacionista, tem-se um melhor e mais amplo conhecimento dos fatores que condicionam o uso de uma determinada variante, que pode ser percebido por meio de valores percentuais. Este enfoque possibilita também que se evidencie a constante interação sócio-histórico-político-ideológica que se concretiza, muitas vezes, através do fluxo migratório entre as pessoas, cada vez mais comum no mundo moderno. Esse fluxo promove o contato entre pessoas de diferentes

lugares, etnias, classes sociais, idades, crenças, hábitos, costumes etc., o que tende a refletir usos diversificados de línguas em um mesmo espaço geográfico.

Sanches (2020, p. 47) destaca que a geolinguística auxiliará na localização espacial das variedades linguísticas (SANCHES, 2020, p. 47), pontuando também que:

É com base neste método que o pesquisador decide as localidades investigadas, o perfil dos colaboradores que serão entrevistados, os tipos de questionários ou entrevistas, o modo como os dados serão organizados e sistematizados, por fim, como esses dados linguísticos serão transpostos para mapas. Este último processo é chamado de cartografia linguística.

Dessa forma, observa-se, aqui, a interrelação dos conceitos da Sociolinguística, Dialetoлогия, Geolinguística e Cartografia linguística na execução de uma pesquisa variacionista que busque mapear os aspectos linguísticos e extralinguísticos de uma determinada comunidade (SANCHES, 2020, p. 47). No que tange aos aspectos históricos da geolinguística, Sanches e Razky (2021) discorrem sobre as abordagens deste método nos séculos XIX e XX. Para os autores, a geolinguística tradicional buscava priorizar o registro de “dialetos puros”, definido como marcas linguísticas que se aproximavam da norma padrão, bem como as variações geográficas, deixando em segundo plano as variáveis sociais, isto é, em seu arcabouço teórico e tradicional, a geolinguística seguia uma perspectiva da dialetologia monodimensional (SANCHES; RAZKY, 2021, p. 3).

Nesse viés, visando à ruptura da linguística tradicional, a partir do surgimento da moderna, fez-se necessária a conjunção de metodologias, para qual Razky (1998) criou o termo geossociolinguística, o qual, segundo ele,

Surge para suprir os limites tanto da Sociolinguística quanto da Geolinguística tradicional, uma vez que os estudos sociolinguísticos realizados no Brasil priorizam a dimensão social e local; e os estudos geolinguísticos, limitam-se ao aspecto espacial e uma estratificação social mínima.

Sobre essa integração, Guedes (2017, p. 46) afirma que, “juntas, podem permitir melhores resultados na investigação da variação linguística”. Razky e Guedes (2015, p. 151) também destacam que “La perspective géo-sociolinguistique donne une image plus authentique sur la façon de cartographier la variabilité linguistique du

portugais brésilien”¹, ao traçarem uma crítica sobre os atlas linguísticos monodimensionais ou de “première génération”² e seus aspectos homogêneos.

2.2 CONTATO LINGUÍSTICO

Essa temática é relevante para o desenvolvimento desta pesquisa haja vista o contexto de fronteira geográfica e sociocultural da comunidade pesquisada. Nessa perspectiva, Sankoff (2001) destaca que o contato linguístico corresponde ao resultado de desigualdades sociais que aparecem em períodos de guerras, colonialismo, escravidão e migrações, forçadas ou não. Mas há também o contato proveniente de urbanização ou comércio, caracterizando-se como uma forma de contato harmônica. É desta forma que se observa, atualmente, na cidade de Oiapoque, onde residem oiapoqueenses, franceses e indígenas. A posição de fronteira deste município com a Guiana Francesa favorece o intenso contato entre falantes de PB L1, PB L2, francês, crioulo francês e as línguas indígenas da região, como o *parikwaki* e o *kheuól*, usadas na maior parte das aldeias localizadas no entorno de Oiapoque e também possibilita a interinfluência social, histórica, política e cultural dos moradores deste município, a qual se acredita que tendem a refletir influências linguísticas.

Sankoff (2001) acrescenta ainda que a aproximação entre as áreas da sociolinguística e da aquisição, sobretudo de segunda língua, aponta para o levantamento de questões ligadas ao relacionamento entre o falante/indivíduo bilíngue (central para a aquisição de segunda língua) e a comunidade de fala (central para a sociolinguística).

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 96) destacam que em um contexto de contato linguístico é comum:

certo grau de contato entre quaisquer dois dialetos regionais, caracterizando os sistemas coexistentes: “alguns falantes que controlam ambos os dialetos ativamente, e um número maior que têm conhecimento passivo do dialeto vizinho, mas comando ativo de apenas um.

¹ A perspectiva geossociolinguística mostra um retrato mais autêntico de como mapear a variabilidade linguística do português brasileiro. (Tradução minha).

² Primeira geração. (Tradução minha).

Por isso, esses estudiosos ressaltam a importância dos fatores sociais justapostos aos linguísticos, além de apontarem o contato a partir da relação desencadeada pela interação dos falantes de uma comunidade. Em uma perspectiva similar, Thomason (2001, p. 01) define o contato linguístico como “o uso de mais de uma língua em um mesmo lugar ao mesmo tempo”. Para essa autora, o contato linguístico não requer fluência em uma ou outra língua, mas necessita de qualquer tipo de comunicação entre os falantes dessas diferentes línguas, a qual tende a envolver a interação face a face, de forma muito frequente e, pelo menos, alguns membros desses grupos falam mais de uma língua na comunidade específica.

Vale ressaltar que, há lugares em que o contato é bem mais intenso do que em outros, e sempre vai ocorrer em variados níveis, formas e graus de frequência. Portanto, para Thomason (2001, p. 10), o contato é a regra; não a exceção; assim, o resultado mais comum do contato é a mudança, pois, geralmente, pelo menos uma das línguas exerce algum tipo de influência em um dos idiomas, e destaca o empréstimo como o tipo de influência mais comum, embora certamente que “a influência esteja passível de ocorrer em qualquer aspecto da língua”.

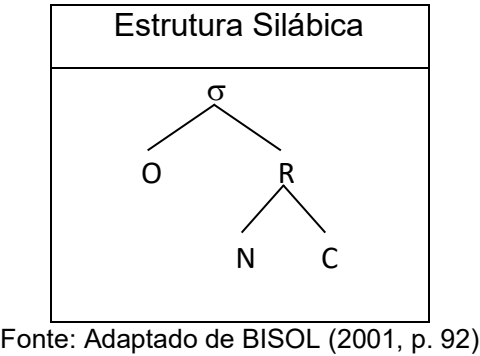
Partindo por um percurso semelhante, Meyerhoff (2006) defende que a variabilidade presente nas línguas parece surgir e encontrar respostas nos fatores linguísticos e sociais. Assim, considera importante no reconhecimento das línguas, o termo “vitalidade” para descrever a probabilidade de uso de uma língua para uma variedade de funções sociais, usada por uma comunidade de falantes. Essa vitalidade seria influenciada por fatores institucionais, sociais e demográficos. Assim, é comum em comunidades multilíngues, línguas diferentes apresentarem mais ou menos vitalidade, esse grau vai depender dos domínios: institucional, social ou pessoal e será avaliada de acordo com seu uso.

2.3 ESTRUTURA SILÁBICA E /S/ EM POSIÇÃO DE CODA

Nesta seção, discutiremos a respeito da formação silábica do ponto de vista fonológico, a partir dos apontamentos de Bisol (2001) sobre a estrutura da sílaba. Desse modo, a autora destaca que há duas teorias referentes à formação das sílabas. Seguiremos, nesta pesquisa, a teoria que defende a estruturação da sílaba (representada pela letra grega σ) em Onset (O) ou Ataque (A) e em uma rima (R), a

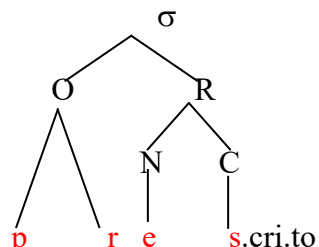
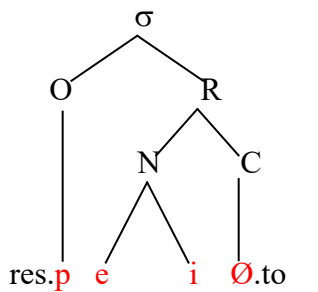
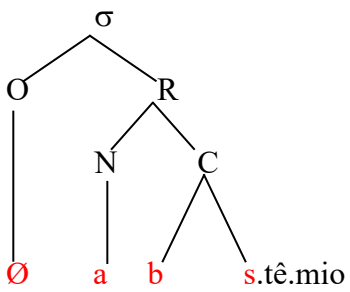
qual consiste em um núcleo (N) e em uma coda (C) (SELKIRK, 1982; PIKE E PIKE, 1947; FUDGE, 1969).

Quadro 1: Representação da estrutura silábica (SELKIRK, 1982; PIKE E PIKE, 1947; FUDGE, 1969).



Nessa perspectiva, Onset ou Ataque, no PB, caracteriza-se como a posição consonantal inicial da sílaba. A Rima desdobra-se em duas posições específicas a partir da vogal (N), que será sempre nuclear, e a coda. Vale ressaltar que tanto o Onset quanto a Coda podem ter posições vazias (Ø), fato este que nunca ocorrerá com o Núcleo (N). Outra possibilidade, em português, é a ramificação do Onset, do Núcleo e/ou da Coda, como podemos observar no quadro seguinte.

Quadro 2: Possibilidades de ramificação do Onset, do Núcleo e da Coda

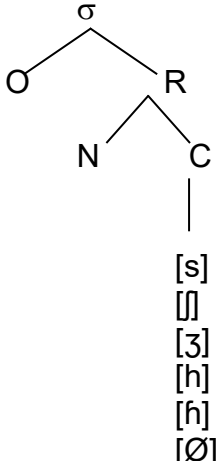
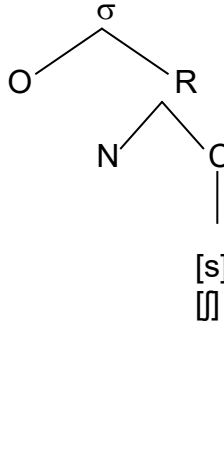
Exemplo 1	Exemplo 2	Exemplo 3
 <pre>graph TD; sigma["σ"] --- O["O"]; sigma --- R["R"]; O --- p["p"]; O --- r["r"]; R --- N["N"]; R --- C["C"]; N --- e["e"]; C --- s["s.cri.to"];</pre>	 <pre>graph TD; sigma["σ"] --- O["O"]; sigma --- R["R"]; O --- res["res.p"]; R --- N["N"]; R --- C["C"]; N --- e["e"]; N --- i["i"]; C --- to["Ø.to"];</pre>	 <pre>graph TD; sigma["σ"] --- O["O"]; sigma --- R["R"]; O --- empty["Ø"]; R --- N["N"]; R --- C["C"]; N --- a["a"]; C --- b["b"]; C --- s["s.tê.mio"];</pre>

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Dessa maneira, o /S/ em coda diz respeito exclusivamente à posição final de sílaba, independente da formação da estrutura da palavra. Assim, no ambiente de realização de /S/ em coda, no PB L2 falado por indígenas Galibi Marworno em Oiapoque, foram observadas ocorrências de alofonia conforme a posição da sílaba. Nesse sentido, houve uma distribuição fonológica da posição do /S/ final de sílaba que

é diferente para quando ele se realizar no ambiente medial (meio da palavra) ou final (final de palavra) como mostra o quadro abaixo.

Quadro 3: Distribuição alofônica de /S/ em coda medial e final

/S/ EM CODA POSIÇÃO MEDIAL DA PALAVRA	/S/ EM CODA POSIÇÃO FINAL DA PALAVRA
	

Fonte: Dados de pesquisa (2023).

Como já mencionamos anteriormente, este estudo refere-se à análise de /S/ em contexto de coda medial. Essa escolha se deu devido as múltiplas possibilidades variação de /S/ quando esse ocorre no meio da palavra (quadro 3), bem como o uso de variantes menos recorrentes nesta posição silábica, as quais discutiremos, nos próximos capítulos, os possíveis condicionamentos fonológicos.

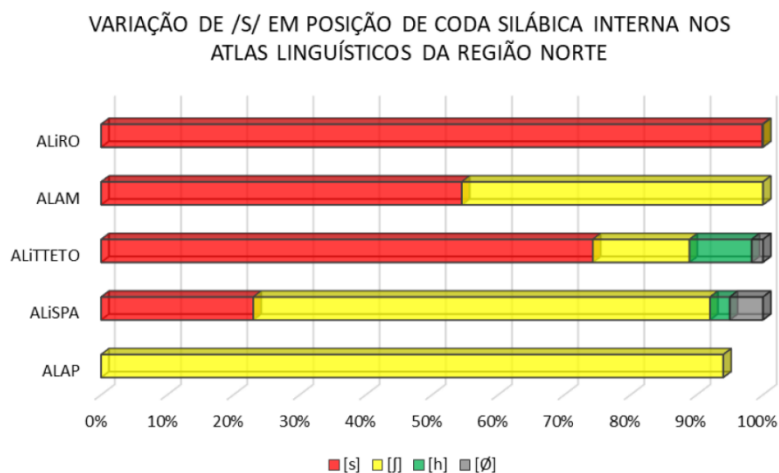
2.4 A VARIÁVEL /S/ EM CODA SILÁBICA NA REGIÃO NORTE

Muitas são as variantes fricativas encontradas nos estudos de /S/ em posição de coda silábica, seja medial ou final. Algumas são características de determinada região do país, a exemplo, no Norte do Brasil, as variantes fricativa alveolar [s] e fricativa palatal [ʃ] são as mais recorrentes.

Razky e Santos (2020) realizaram um estudo comparativo entre os atlas linguísticos da região Norte a fim de aferir a ocorrência das consoantes em coda interna. Para os autores, houve disparidade entre as variantes supramencionadas, tendo em vista que “há predominância da fricativa alveolar em Rondônia (99,9%) e em Tocantins (74,3%), ao passo que a fricativa palatal [ʃ] foi mais frequente nos

estados do Amapá (94%) e do Pará (69%)” (RAZKY; SANTOS, 2020, p. 340). O gráfico a seguir evidencia essas ocorrências.

Gráfico 1: comparação da variação de /S/ em coda silábica interna nos atlas linguísticos da região norte.



Fonte: Razky e Santos (2020, p. 331)

A partir da análise do gráfico, observa-se a recorrência categórica da fricativa alveolar [s] em Rondônia e da fricativa palatal [ʃ] no Amapá. Já no Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), as variantes [s] e [ʃ] são variantes concorrentes, que disputam um espaço de prestígio. Em Tocantins e no Pará, essas coocorrem e há a predominância de uma. Ainda em posição interna, outro fator chama atenção a partir desses dados, o aparecimento de fenômenos menos prestigiados de /S/, como a aspiração, representada pela fricativa glotal [h], e o apagamento ou zero fonético [∅] detectados em Tocantins e no Pará.

Segundo Maia (2017) essas ocorrências se dão devido ao enfraquecimento de /S/ na articulação, sofrendo influências do contexto subsequente, isto é, a consoantes posteriores sonoras como a nasal [m] e oclusiva [d], levando assim o /S/ à perda de traço e, assim, enfraquecendo-se, como em me[h]mo e de[h]de, ou até, me[∅]mo.

Considerando o campo extralinguístico, Berçot-Rodrigues (2014) observou, em Manaus, fonemas envolvidos no fenômeno de substituição das consoantes fricativas pela glotal [h]. Nesse contexto, a autora constatou que o /S/, dentre as outras fricativas, é a consoante que mais sofre enfraquecimento (49,1%). Na análise dos fatores sociais, a pesquisa mostrou que homens utilizam mais variantes enfraquecidas

do que as mulheres (55,5%). Quanto à escolaridade, falantes do ensino fundamental utilizam mais formas enfraquecidas do que falantes de escolaridade superior (55,5%).

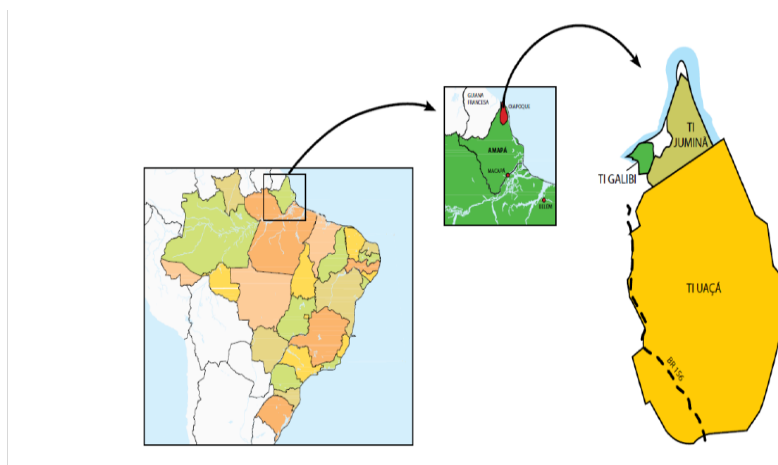
Em um contexto mais próximo ao do Amapá, Carvalho (2000) estuda a variação do /S/ em coda em Belém do Pará, em que apontou consoantes sonoras condicionando a realização da variante glotal [h]. No que se refere aos fatores extralinguísticos, a autora destacou que falantes com baixa escolaridade e falantes mais idosos utilizaram com mais frequência a variante fricativa glotal [h].

Vale ressaltar que os estudos até então apresentados como base teórica evidenciam perfis sociolinguísticos apenas de /S/ do português brasileiro L1, visto que na condição de PB L2 falado, por indígenas, não foram encontrados ainda estudos sobre o referido fenômeno na abordagem dada por nosso estudo.

3 LOCAL DA PESQUISA/REGIÃO ESTUDADA

3.1 OIAPOQUE E OS POVOS INDÍGENAS

Cerca de 7 mil indígenas habitam a região de Oiapoque/AP, e como destacou-se anteriormente, o município apresenta uma população estimada para 2022 equivalente a 28.534 habitantes (IBGE, 2016). Desse modo, os grupos indígenas em questão compreendem cerca de 28% da população geral, um número consideravelmente alto. Esses, por sua vez, estão distribuídos em três Terras Indígenas (TIs) que, segundo Bento (2019, p. 21), formam uma área contínua de 518.454 hectares. São elas: TI Uaçá, TI Galibi e TI Juminã, conforme podemos observar na figura abaixo:

Figura 1: terras Uaçá, Galibi e Juminã

Fonte: Bento (2019, p. 21). Tese de doutorado. Dados extraídos de: APIO. 2009

Nessas TIs estão presentes as etnias Galibi *Kali'nã*/Oiapoque, Galibi Marworno, Karipuna do Amapá e Palikur. Os Galibi do Oiapoque/*Kali'nã* são do tronco linguístico *Carib*, falantes de *Kheuól* (crioulo de base francesa), popularmente conhecido na região como patois (patoá). No entanto, por estarem em constante interação com indígenas e não indígenas habitantes dos países fronteiriços, também falam português (L2) e francês (BENTO, 2019, p. 22). A língua original desse grupo, que, conforme destaca Bento (2019, p. 22), migrou do Rio Maná para o Brasil na década de 1950, é o *Kali'nã*, falado apenas pelos mais velhos, uma língua que pode se perder com o tempo, em um visível contexto de línguas dominantes.

“A migração *Galibi Kali'nã* para a região do Oiapoque não se deu durante o período colonial, tampouco pela pressão dos brancos” (PEREIRA; OLIVEIRA; MATOS, 2017, p. 8). Sendo assim, considera-se esse processo migratório, como um caso à parte, devido a sua recente ocorrência. Ao entrevistar Gérard Lod, chefe dos *Kali'nã*, e como descrito por Pereira, Oliveira e Matos (2017, p. 8), principal responsável pela migração, a antropóloga Vidal (2000, p. 43) o indagou a respeito dos motivos que os levaram a largar suas terras e seu povo em direção ao Brasil, seguem os registros:

Segundo o sr. Lod, havia uma outra razão que era, naquela época, poder realizar um sonho de infância, a vontade de viver em um lugar que, na escola, lhe havia sido descrito como “Le Pays des vrais Indiens” por um professor francês. Numa outra ocasião Lod me contou que um gigante canibal, muito

presente nas narrativas GalibiKaliña, teria fugido para o sul, em direção ao Brasil, e seria interessante saber por onde ele andava e que fim teria levado. Finalmente, não estava satisfeito com o sistema de educação desenvolvido junto aos índios na Guiana, mais um motivo para migrar.

Nos estudos mais atuais sobre o contexto indígena amapaense, Pereira, Oliveira e Matos (2017, p. 9), ao discorrerem sobre Vidal (2000), destacam sobre a autora acreditar que o principal fator para os levar a migrar foi um grave desentendimento familiar, sendo que os outros motivos vieram para somar a este principal. Ratificando essa ideia, Arnaud (1966, p. 4) afirma:

(...) habitavam na aldeia *Kuaxi “couachi”* (Hurault, 1963:2), localizada no estuário do rio Maná, de onde, em agosto de 1950, emigraram para o território brasileiro, em consequência de dissensões internas ligadas ao xamanismo tribal, conforme esclareceram. (grifos nossos).

Os *Karipuna do Amapá*, etnia também heterogênea, segundo Arnaud (1969), a partir de relatos orais de pesquisas etnográficas, “foram originados por elementos que falavam a língua geral da Amazônia (Tupi), imigrados do estreito de Breves (Pará) em consequência da revolução da Cabanagem ocorrida na década de 1830” (ARNAUD, 1969, p. 2-3). No entanto, para Tassinari, o etnônimo *Karipuna* já havia sido mencionado na região de Oiapoque desde o séc. XVII, em denominações como *Garipons*, *Caripous*, *Cachipoux*, *Caripounes* e *Calipourns* (TASSINARI, 2003, p. 111). De fato, vale ressaltar a dificuldade de traçar sua formação histórica de forma precisa. Essa etnia, possui como língua nativa o *Kheuól* – patois, seus antepassados também falavam *Nhengatu*.

Outra etnia da região de Oiapoque denomina-se *Palikur*. Bento (2019, p. 22) destaca que esses são os mais antigos na região. Advindos do tronco linguístico *Aruak*, possuem sua própria língua, o *Parikwaki*, já mencionada anteriormente neste trabalho. Vale ressaltar que, devido ao grande contato linguístico com a região francesa, também falam francês e o *Kheuól*.

Nesse contexto de fronteira, os *Palikur* e seus respectivos clãs “habitam aldeias, tanto no lado brasileiro, como no lado francês na fronteira entre os dois países” (BENTO, 2019, p. 22). Pereira, Oliveira e Matos (2017, p. 6-7) afirmam que os indígenas Palikur foram descritos pela primeira vez em 1513 pelo navegador espanhol Vicente Pinzón, na região descrita como “província Paricura”.

Esse grupo no século XVI, era extremamente envolvido em atividades comerciais com os europeus e habitava a região que corresponde a atual capital do Amapá, a cidade de Macapá. No entanto, devido à hostilidade dos portugueses em relação aos indígenas que praticassem comércio com outros europeus, os Palikur migraram rumo ao norte do Amapá, “onde o domínio português mostrava-se enfraquecido e eles poderiam continuar comerciando” (PEREIRA; OLIVEIRA; MATOS, 2017, p. 8).

Os *Galibi Marworno* vivem no Rio Uaçá e são provenientes de povos *carib* e das etnias *Marworno*, *Aruã* e *Maraon*, do tronco linguístico Aruak, assim, observa-se um grupo etnicamente heterogêneo. Expedito Arnaud na tentativa de reconstituir o passado dos Galibi Marworno, destaca que “foram formados basicamente, pela junção de elementos dessa unidade *Karíb* com *Maraon* e *Aruan*, provavelmente *Aruak*, havendo também influído em sua constituição *Sakáka*, *Itután*, negros da Guiana Francesa (crioulos), chineses, árabes e europeus” (ARNAUD, 1969, p. 1-2). Esse grupo, possui o *Kheuól* como língua materna, tendo em vista que sua língua ancestral já está em desuso, como relatam os próprios falantes (BENTO, 2019).

Nesse sentido, Ribeiro (2018) aponta que um grupo mais idoso ainda utiliza algumas palavras e frases da antiga língua Galibi, principalmente em rituais. Essa etnia concentra-se em uma única aldeia, Kumarumã, desde a época do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) (RIBEIRO, 2018, p. 93). Vale destacar que os Galibi Marworno estão em constante contato com a cidade de Oiapoque e a aldeia. Para Ribeiro (2018) a frequência com que vão ao Oiapoque somada à chegada dos meios de comunicação nas aldeias, como o smartphone e internet, aumentam o acesso e favorecem o contato com a Língua Portuguesa.

4 METODOLOGIA

4.1 CORPUS DA PESQUISA

Para esta pesquisa, o *corpus* a ser analisado advém de recorte de dados coletados em 2015 e 2016, usados para a produção da tese de doutorado de Ribeiro (2018). Neste estudo, a pesquisadora trabalhou com franceses e indígenas, das etnias *Karipuna do Amapá* e *Galibi Marworno*, ambos falantes de português como segunda língua, analisando o fenômeno da concordância nominal de número, em contexto de

A compilação desses dados será realizada através dos Softwares Microsoft Word e Excel, tendo em vista os levantamentos dos dados estatísticos e criação de gráficos que refletem as realizações do fenômeno investigado. O recorte das palavras selecionadas ocorreu da seguinte forma: i) todas as repetições de vocábulos foram consideradas; ii) Foram excluídos os casos em que /S/ possui valor de plural; iii) Partes dos áudios não compreensíveis foram excluídas da pesquisa.

4.4 DESENVOLVIMENTO, COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

As ocorrências foram extraídas da fala de nove (9) indivíduos indígenas, da etnia Galibi-Marworno, falantes de português L2, moradores de Oiapoque/AP, em áudios que variam de 12 a 57 minutos de duração, coletados por meio de relatos e narrativas pessoais (RIBEIRO, 2018). As amostras coletadas seguem os pressupostos da metodologia laboviana, cujo objetivo é a fala espontânea.

Nessa perspectiva, a forma de obtenção dos dados a partir das conversas se deu por temáticas sobre a vida na aldeia e na cidade, gostos, conhecimento de mundo, bem como contar histórias sobre a vida cotidiana, isso ocorreu a partir de diálogos informais da pesquisadora com os falantes, através de perguntas simples e objetivas que os levassem à plena interação comunicativa.

4.5 PERFIL DOS INFORMANTES

Esta pesquisa considera dados de 09 falantes no total, com idade entre dezoito e sessenta e dois anos de idade, com diferentes níveis de escolaridade (Ensino Médio e superior), ou seja, os falantes vão desde estudantes da educação básica até professores formados em nível superior. O quadro seguinte explicita esse perfil.

Quadro 4: Quantitativo e distribuição dos informantes por variáveis extralinguísticas

		Quantitativo
SEXO	Masculino	6
	Feminino	3
IDADE	18-30	4
	Acima de 40	5
ESCOLARIDADE	Ensino Médio	5
	Ensino Superior	4

Fonte: Elaborado pelo autor

4.6 AS VARIÁVEIS EM ESTUDO

4.6.1 Variável dependente

A variável dependente analisada foi a consoante fricativa representada pelo arquifonema /S/ em posição de coda medial, com as seguintes variantes:

- [s] fricativa alveolar: mesmo ['mesmus];
- [ʃ, ʒ] fricativa palatal: investimento [ʔiveʃʔi'mẽtu]; mesmo ['meʒmu];
- [h, ɦ] fricativa glotal: investimento [ʔiveɦʃʔi'mẽtu]; mesmo ['mehmu];
- [∅] apagamento ou zero fonético: mesmo ['me∅mu].

4.6.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes foram organizadas a partir da transcrição e da organização dos dados, considerando o critério da produtividade quanto ao condicionamento do fenômeno estudado. Nessa perspectiva, somente duas variáveis linguísticas mostraram-se relevantes na realização /S/ em coda medial, nos dados analisados, são elas:

- i) Funcionamento de /S/ diante de oclusiva nasal /m/;
- ii) Funcionamento de /S/ diante das africadas /tʃ/ e /dʒ/.

Quanto ao grupo de variáveis extralinguísticas, foram consideradas as seguintes:

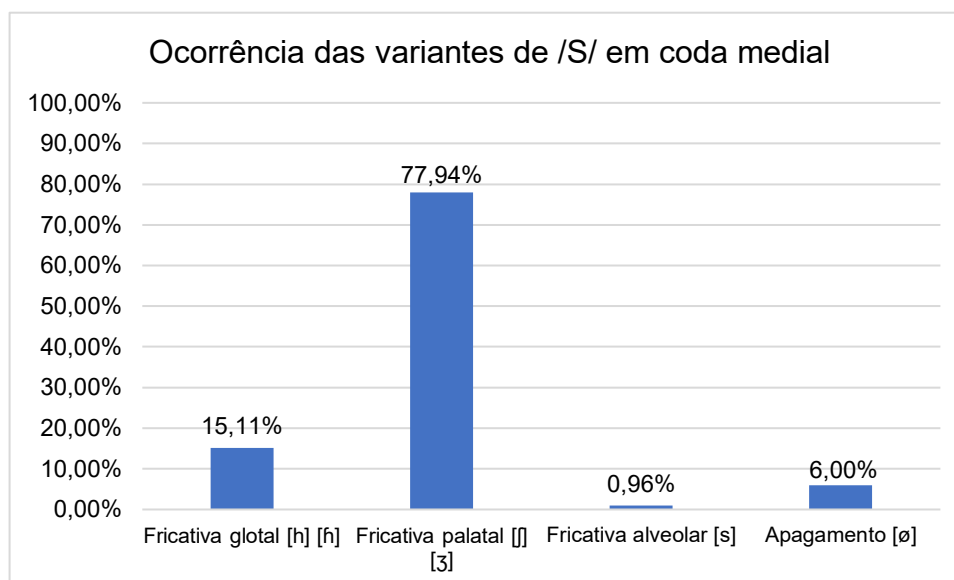
- i) Escolaridade: Ensino Médio e Ensino Superior;
- ii) Idade: grupo 1 (18 a 30 anos), grupo 2 (acima de 40 anos);
- iii) Sexo (homens e mulheres); porém, pelo fato de não haver equilíbrio entre os dados na variável sexo no contexto geral de produção, visto que 6 dos 9 falantes são homens, não será realizada análise específica entre os fatores desse grupo, dada a diferença significativa de ocorrências nos dados dos homens e das mulheres.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentaremos a análise dos dados e suas respectivas discussões. Foram analisados os 417 casos de /S/ em posição de coda medial, no português L2, falado pelos indígenas, sujeitos desta pesquisa.

Desse modo, esta seção organiza-se da seguinte maneira: Em um primeiro momento será apresentada a composição e estruturação do quadro geral das ocorrências de /S/ no PB L2. Na sequência, discutiremos o emprego de /S/ diante da oclusiva nasal /m/ e diante das africadas /tʃ/ e /dʒ/. Posteriormente, será evidenciada a atuação das variáveis extralinguísticas serão consideradas, no tocante à realização de /S/ em coda medial.

5.1 PERFIL GERAL DE REALIZAÇÃO DE /S/ EM CODA MEDIAL NO PB L2 FALADO PELOS INDÍGENAS GALIBI MARWORNO

Gráfico 2: Ocorrência das variantes de /S/ em coda medial

Fonte: dados de pesquisa (2023)

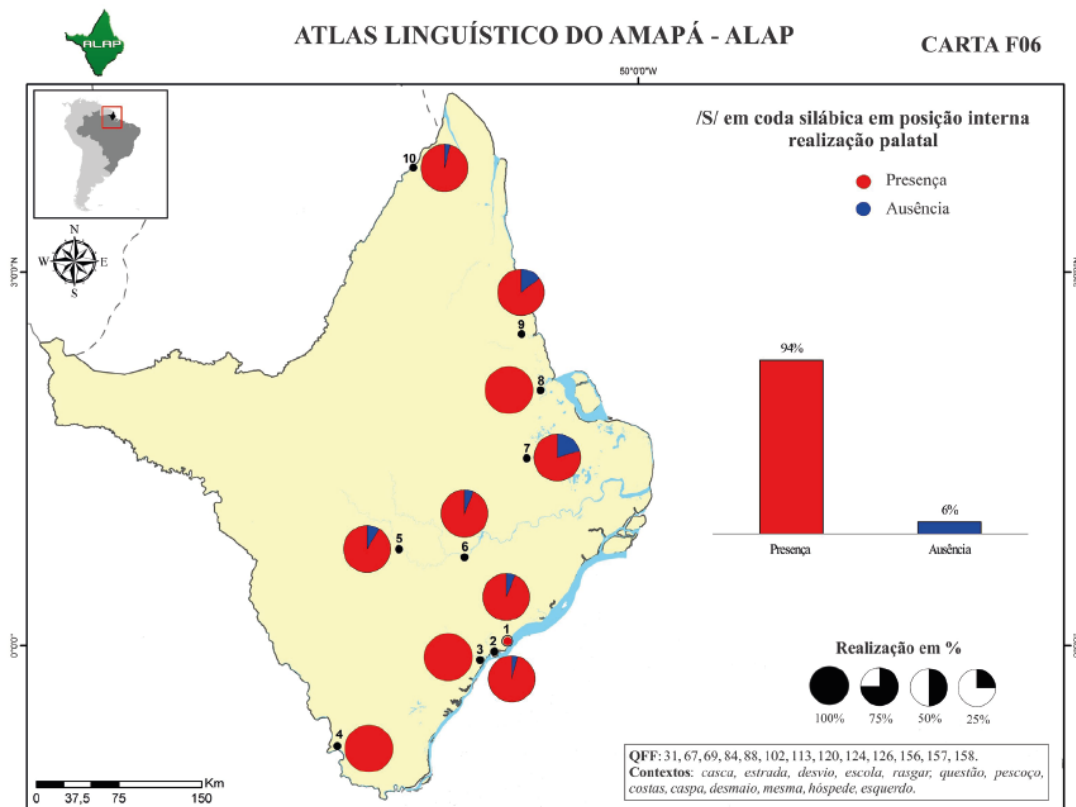
O gráfico 2 destacando o perfil de /S/ em coda medial aponta um quadro interessante a respeito do comportamento das variantes encontradas nessa posição silábica, pois ao se comparar esse perfil com o do português L1 amapaense e paraense, cuja frequência maior é das variantes fricativa palatal e da fricativa alveolar, (RAZKY; SANTOS, 2020) notam-se algumas divergências, haja vista que entre os falantes de PB L2 essa frequência maior é da fricativa palatal (77,94%) e da fricativa glotal (15,11%). No entanto, a fricativa palatal [ʃ] continua sendo a variante mais usada tanto no PB L1 (RAZKY; SANTOS, 2020; RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), como no PB L2, mantendo-se como caracterizadora do falar amapaense.

A terceira variante mais empregada foi o apagamento ou zero fonético [ø], em 6% das ocorrências. Vale ressaltar que essa variante foi registrada frequentemente no vocábulo “mesmo” – que será discutido posteriormente – a exemplo de ['mẽømυ]. Já a variante fricativa alveolar [s] ocorreu em apenas 0,96% dos casos, confirmando, assim, Razky e Santos (2020), que apontam a pouca recorrência dessa variante no falar amapaense.

Nesse sentido, ao se comparar a realização da fricativa palatal no PB L1, conforme descrita na figura 3 e os dados do PB L2, desta pesquisa, conforme figura 4, seguintes, observamos de forma clara uma diferença entre essas variedades do português amapaense, haja vista que o /S/ em posição interna no PB L2 pode estar mais passível de sofrer variação, pois a variante palatal [ʃ, ʒ] ocorre em 78% dos casos

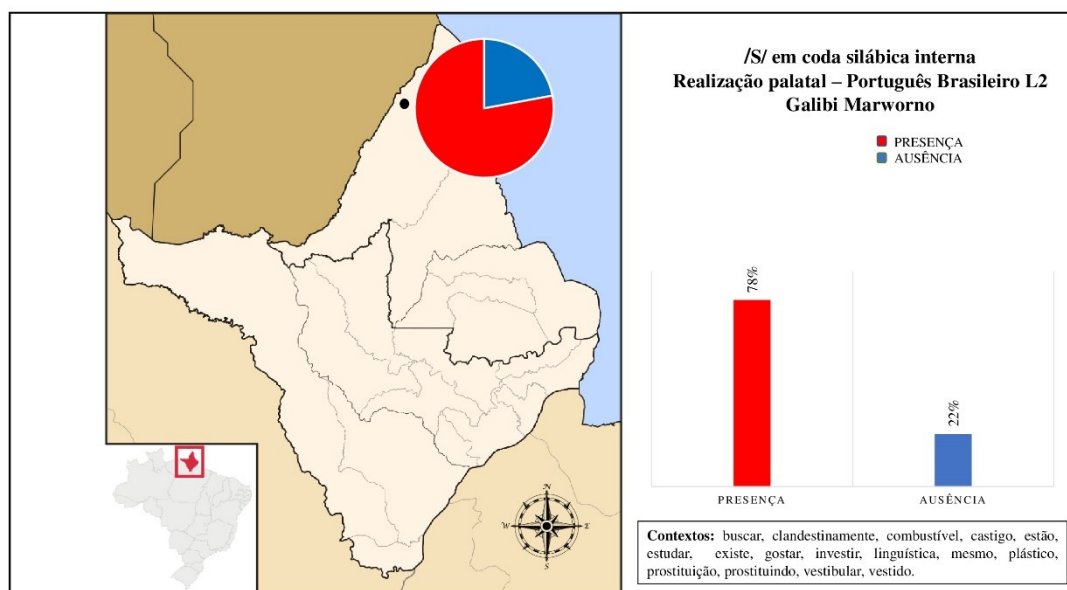
ao passo que no PB L1 ela ocorre em 94% dos registros. Esse perfil permite inferir que a menor presença da palatal entre os falantes indígenas abre mais espaço para ocorrência de outras variantes, como as menos prestigiadas fricativa glotal [h] e apagamento [ø].

Figura 3: Carta Fonética F08 (ALAP, 2017): /S/ em coda silábica posição interna – realização palatal



Fonte: (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017)

Figura 4: Cartograma fonético (VIANA, 2023): /S/ em coda silábica posição interna – realização palatal – Português Brasileiro Galibi Marworno



Fonte: Dados de pesquisa (2023): elaborado pelo autor.

Esse panorama reforça-se quando se olha para o município de Oiapoque isoladamente nos dados da Figura 3, que apresenta realização quase categórica da variante fricativa palatal nos registros do PB L1, abrindo cerca de apenas 3 a 4% de espaço para outras variantes.

5.2 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

A partir dos dados coletados, foram observadas ocorrências de alofonia para /S/ em coda medial (quadro 3), a exemplo das seguintes palavras registradas:

- [buʃ.'ka] 'buscar'
- ['meʒ.mʊ] 'mesmo'
- [os.pi.'taw] 'hospital'
- [kah.'tʃi.gʊ] 'castigo'
- ['deh.dʒɪ] 'desde'
- ['mẽø.mʊ] 'mesmo'

Nesse viés, observou-se a ocorrência de variantes de /S/ menos prestigiadas no PB L2 Galibi Marworno [h, h̥, ø] e, assim, fez-se necessário testar se essas variações foram condicionadas por algum fenômeno fonológico tais como: posição de acento (tonicidade da sílaba); ou mesmo a distribuição de traços no ambiente de realização, em que o /S/ em coda medial estaria compartilhando com outros fones da composição da palavra, como a sonoridade a palatalização.

Devido à baixa quantidade de dados, a posição da sílaba, no contexto do PB L2, não se mostrou favorável para a variação de /S/, no entanto, não podemos generalizar este fato, mas sim, incentivar estudos mais aprofundados a constatarem a influência da tonicidade na realização de variantes de /S/ menos prestigiadas.

Quanto à distribuição de traços, o contexto subsequente mostrou-se condicionante para a realização de /S/ em suas variantes enfraquecidas [h, ø], como mostrará o quadro 5. Nesse sentido, alguns estudos do PB L1, que tratam também do contexto subsequente no enfraquecimento de /S/, foram selecionados, haja vista a falta de estudos dessa natureza referente ao PB L2 falado por indígenas de Oiapoque. No entanto, faremos apenas analogias a esses estudos e suas análises linguísticas, evitando, assim, profundas comparações, pois se tratam de duas variedades diferentes do português.

5.2.1 /S/ em coda medial: contexto subsequente

Neste grupo será dada ênfase apenas a dois fatores de *contexto subsequente*: as africadas e a nasal, pelo fato de terem sido os únicos que mostraram atuação significativa no tocante à realização de variantes do /S/ em coda medial, no PB L2 falado pelos Galibi Marworno, conforme os dados descritos no quadro seguinte.

Quadro 5: Atuação da variável contexto subsequente na realização do /S/ em coda medial no PB L2

	Alveolar	Palatal	Glotal	Apagamento fonético
Oclusiva /p/	5%	95%	0%	0%
Oclusiva [t]	0%	99%	1%	0%
Oclusiva /k/	3%	97%	0%	0%
Fricativa /f/	0%	100%	0%	0%
Africada [dʒ]	0%	28%	67%	5%
Africada [tʃ]	0%	63%	37%	0%
Nasal /m/	0%	19%	53%	28%

Fonte: Dados de pesquisa (2023): elaborado pelo autor.

Os resultados apresentados no quadro 5 revelam que alguns contextos subsequentes ao /S/ em coda medial favorecem o uso das variantes fricativa glotal [h] e apagamento fonético [ø], como é o caso do /S/ diante da nasal /m/ e diante das africadas [tʃ] e [dʒ].

Como não há estudos desse gênero no português amapaense L2 falado por indígenas Galibi Marworno em Oiapoque, tomaremos por base as discussões fonológicas apresentadas por Maia (2017), assim como o papel das variáveis extralinguísticas que podem influenciar tais ocorrências, tendo em vista que o autor traça uma análise através dos contextos subsequentes, a fim de averiguar se estão influenciando no enfraquecimento e aspiração de /S/ em coda medial no PB L1 do sul do Amazonas. Nesse contexto, o pesquisador também aborda outros trabalhos realizados no PB L1 sobre o mesmo fenômeno.

A partir da escala de sonoridade proposta por Jespersen (1904 apud HOOPER, 1976) e Clements (1990), a qual propõe níveis de sonoridade que vão de [-soante] a [+soante], Maia (2017) discorre acerca do enfraquecimento de /S/, o qual, no PB L1, é causado pela influência da sonoridade do contexto subsequente, levando o /S/ à perda traço fonético. No estudo em questão, o autor destaca que /S/ diante das consoantes nasal /m/ e /n/, lateral /l/, oclusiva dental /d/ e africada [tʃ] está passível de enfraquecer-se.

Para o autor, esta última leva /S/ a tal estágio devido à palatalização de /t/ diante da vogal /i/, em que o traço [+alto] o torna palatal e, por sua vez, ganha um ponto na escala de sonoridade (JESPERSEN, 1904; CLEMENTS, 1990). Dessa

forma, o /S/ que antecede o fonema africado [tʃ] sofrerá alterações em sua pronúncia, levando o falante à forma enfraquecida – variante glotal [h], devido a sonoridade (MAIA, 2017).

Saindo do contexto do norte, mas ainda se mantendo no PB L1, o estudo de Roncaratti (1999) olha para o enfraquecimento e o apagamento das fricativas [v, z, ʒ] no Ceará, utilizando os falantes do projeto Atlas Linguístico do Ceará (ALECE). Assim, no que se refere à fricativa [z] concluiu-se que “As consoantes com traço [–contínua], [l, n, d, m], mostram-se favorecedoras do fenômeno de enfraquecimento e estão associadas ao uso dos itens *mesmo* e *mais*” (MAIA, 2017, p. 221).

Ao atentar-se para os róticos em fortaleza, Alencar (2007) registrou a ocorrência de fricativas [v], [z] e [ʒ] enfraquecidas. A respeito dessas, a autora conclui que “as maiores ocorrências do fenômeno, em ordem decrescente, estão no interior do vocábulo *mesmo*, no contexto fonológico seguinte a consoantes nasais (/m/ e /n/), à lateral /l/ e à oclusiva dental /d/.” (MAIA, 2017, p. 222).

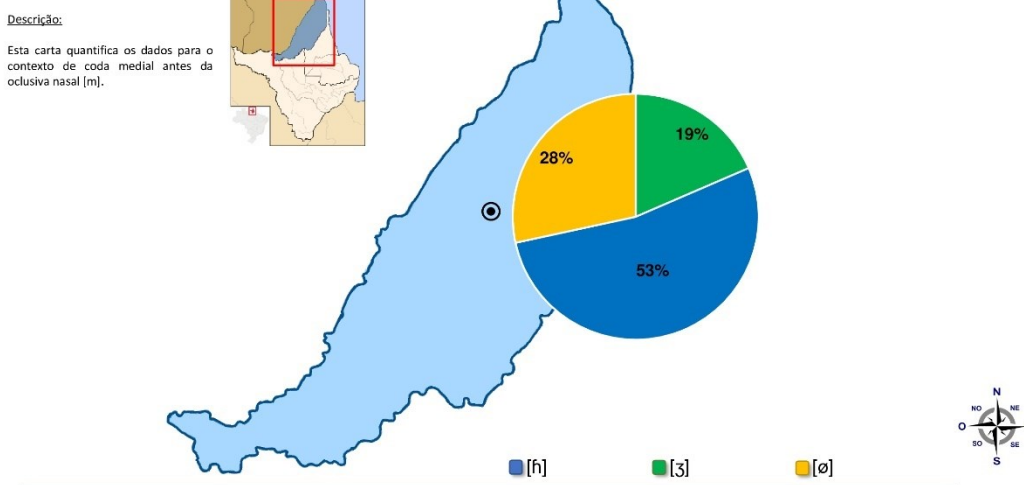
Os estudos aqui mencionados fazem referência ao enfraquecimento de /S/ no PB L1. Todos esses mencionam o contexto subsequente como motivador para a aspiração e o apagamento desse fonema. Dessa forma, ainda que o nosso estudo seja direcionado para o PB L2, observamos no quadro 5 que o fator sonoridade também pode influenciar na variação de /S/ nessa variedade da língua. No entanto, vale destacar que como dispomos de poucos dados de contexto subsequente, nesta pesquisa, não podemos confirmar totalmente esse fato, apenas discuti-lo ao longo deste trabalho.

A partir da cartograma fonético contextual 1 seguinte, observamos o comportamento de /S/ diante da nasal /m/, no vocábulo “*mesmo*”.

Cartograma fonético contextual 1: /S/ diante da nasal /m/ - Vocábulo “mesmo”

/S/ em contexto medial diante da oclusiva nasal /m/ - vocábulo “mesmo”

1



Fonte: Dados de pesquisa (2023): elaborado pelo autor.

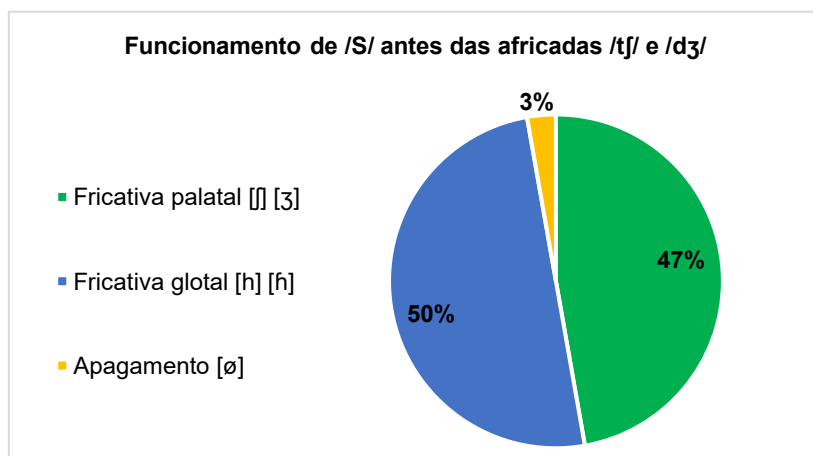
Restringindo as ocorrências do português amapaense L2 para um contexto específico de /S/ diante de /m/ no vocábulo “mesmo”, nota-se um quadro de variação linguística nessa posição silábica e, novamente, variantes menos prestigiadas, neste contexto, ganham destaque nos registros do PB L2 Galibi Marworno, haja vista a variante fricativa glotal [h] liderar as ocorrências com 53% dos casos; seguida de outra variante, até então menos recorrente no PB L1, o apagamento fonético [ø] (28%); e, por fim, a fricativa palatal [ʒ], que é a mais usada no PB L1 amapaense (Razky et al., 2017), mas no PB L2 teve somente 19% de frequência de uso. Assim, quanto mais a conversação seguia a linha da fala espontânea, mais o vocábulo “mesmo” mostrava-se variável, a exemplo de ['meʒmʊ]; ['mehmʊ]; ['mẽhmʊ]; ['mẽømʊ]; ['meømʊ]; ['mẽøm]; ['meøm].

Nessa perspectiva, fazendo uma analogia aos estudos anteriormente mencionados, as ocorrências das variantes fricativa glotal e apagamento fonético, registradas no PB L2 Galibi Marworno antes da consoante nasal /m/, podem estar sendo condicionadas devido à sonoridade desta, a qual leva o /S/ à perda do traço alveolar, ficando somente com a fricção, acarretando no fenômeno da aspiração ou mesmo do total apagamento (MAIA, 2017).

Outro contexto subsequente que se mostrou motivador para a variação de /S/ em coda medial foi o das consoantes africadas [tʃ] e [dʒ]. O gráfico 3, a seguir, aponta

essas ocorrências. Posteriormente, abordaremos o funcionamento de cada um desses contextos em cartas fonéticas específicas.

Gráfico 3: Comportamento de /S/ antes das africadas /tʃ/ e /dʒ/



Fonte: dados de pesquisa (2023)

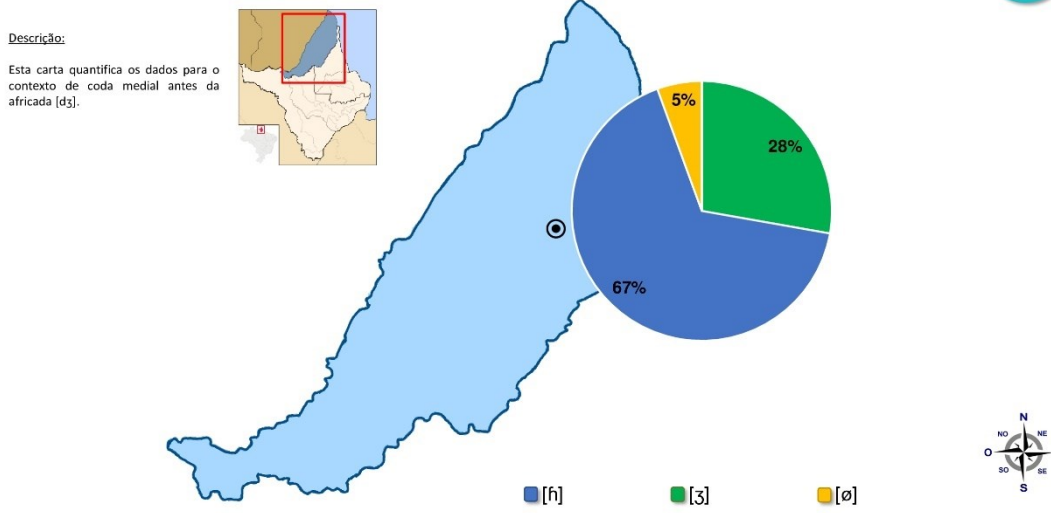
A partir do quadro geral, observa-se um equilíbrio na produção das variantes fricativa palatal [ʃ, ʒ] e fricativa glotal [h]. Ainda assim, esta última, se mantém a frente das ocorrências com 50% dos casos, seguida da fricativa palatal (47%). Chama atenção a ausência da variante apagamento com ocorrência de apenas 3%. Quando comparada com o fonema /S/ antes de /m/, observa-se redução, o que nos permite inferir que o contexto das africadas tende a não apresentar condicionamento produtivo na realização do zero fonético.

A fim de observar de forma mais específica esse contexto, apresentamos, a seguir, cartogramas fonéticos contextuais que refletem as realizações da variável em estudo por meio do ambiente fonético em que se realizam ora sonoro (cartograma fonético 2) ora surdo (cartograma fonético 3).

Cartograma fonético contextual 2: /S/ diante de /dʒ/ - Vocábulo “desde”

/S/ em contexto medial diante da africada [dʒ] - vocábulo “desde”

2



Fonte: Dados de pesquisa (2023). Elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que todos os casos de /S/ antes de [dʒ] ocorreram no vocábulo “desde” pelos falantes indígenas. A carta 2 evidencia que o /S/ neste vocábulo foi realizado em 67% dos casos por meio da variante glotal [h]; em 28% na variante palatal [ʒ], a qual seria a mais esperada, e em somente 5% no apagamento fonético.

Considerando o segmento /d/, o traço [+sonoro] o faz subir um ponto na escala de sonoridade (CLEMENTS, 1990) e o uso da variante palatal [ʒ] não se torna produtivo. Dessa forma, diante deste contexto, o também /S/ pode estar enfraquecendo-se devido à perda de traço.

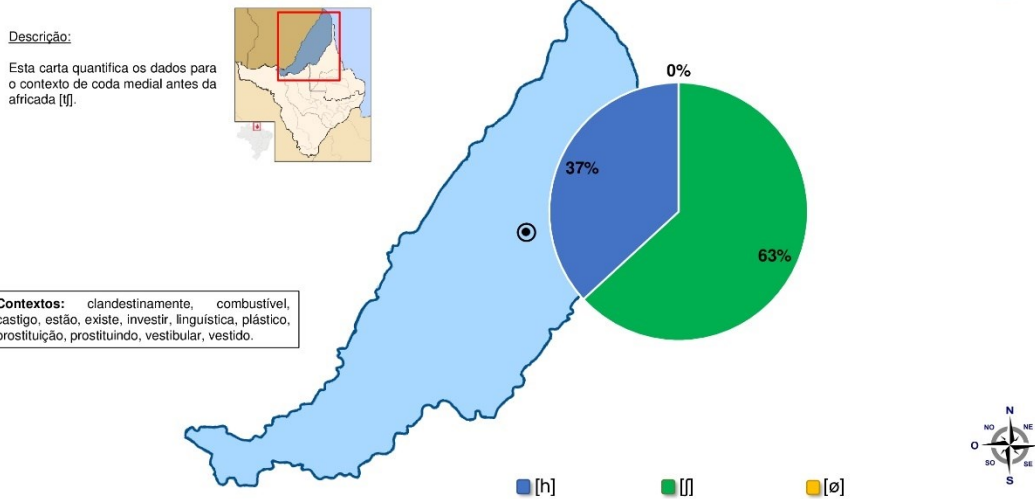
Outra possibilidade para o maior uso de variantes enfraquecidas, no PB L2 Galibi Marworno, é que como o fonema [dʒ] se trata de uma consoante africada, ganha traço [+sonoro] na escala, devido à própria regra da palatalização, em que o traço [+alto] da vogal /i/ torna palatal o fonema /d/ (MAIA, 2017) e, dessa forma, leva /S/ à perda do traço alveolar, sendo produzido como variante glotal [h] em coda medial.

O cartograma fonético 3 seguinte aponta o comportamento de /S/ antes da consoante africada [tʃ], portanto em contexto de traço de não sonoridade.

Cartograma fonético contextual 3: /S/ diante de [tʃ]

/S/ em contexto medial diante da africada [tʃ]

3



Fonte: Dados de pesquisa (2023). Elaborado pelo autor.

Na carta 3 é possível perceber que o /S/ antes de [tʃ] realiza-se como palatal [ʃ] em 63% das ocorrências; como variante fricativa glotal [h] em 37% dos registros; destaque para a variante zero fonético [ø] que não ocorreu. Observa-se, portanto, o maior uso da fricativa palatal [ʃ] neste contexto. Na tentativa de compreender esse quadro, destacamos Maia (2017) cujos resultados de seu estudo mostraram que apenas diante de [t] o /S/ em coda interna foi realizado de forma categórica como palatal [ʃ], ressaltando que

Isso ocorre porque o [t] tem em sua matriz fonológica um traço comum com o /S/, o traço [+coronal], participando da mesma classe natural. Assim, a semelhança no ponto articulatorio permite a aplicação do princípio de sonoridade para a boa formação das sílabas (MAIA, 2017, p. 231).

Sendo assim, tendo em vista a semelhança no ponto de articulação através do traço [+coronal] em comum, mesmo que seja diante da africada [tʃ] o /S/, nesse contexto, estaria condicionado a ficar dividido entre as variantes fricativa palatal [ʃ] e fricativa glotal [h] e, desse modo, como se trata de um aspecto articulatorio da língua, este fato poderia também estar sujeito a se refletir no PB L2 Galibi Marworno. Contudo, vale ressaltar que apenas estudos futuros com maior número de dados poderão ratificar essas realizações nessa variedade do português amapaense.

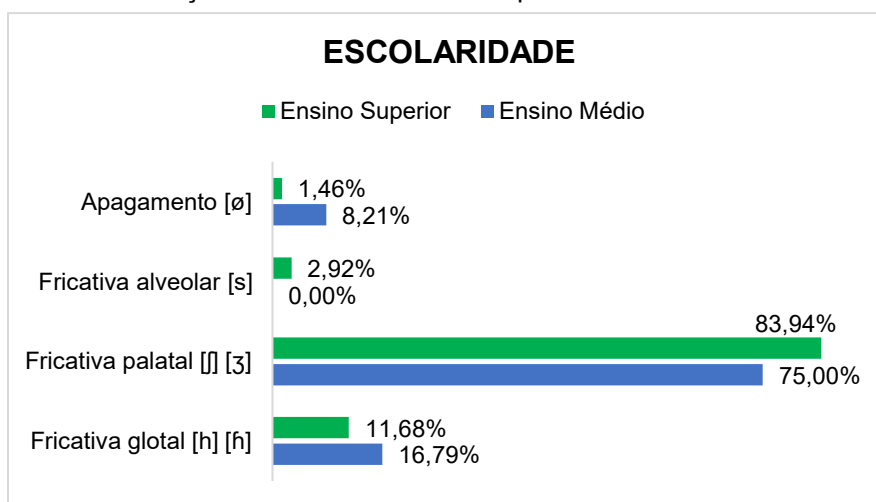
5.3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

Neste tópico observaremos a atuação das variáveis sociais escolaridade e idade.

5.3.1 Variável escolaridade

Esta variável compreende falantes com o ensino médio completo ou incompleto e com o nível superior completo ou incompleto. A seguir, o gráfico 4 apresenta os resultados desta variável na realização do /S/ em coda medial.

Gráfico 4: Atuação de /S/ em coda medial quanto à variável escolaridade



Fonte: dados de pesquisa (2023)

Os dados destacam que nos dois grupos de falantes a variante fricativa palatal [ʃ, ʒ] foi a mais frequente, 75% nos falantes de ensino médio e 83,94% nos de ensino superior. A segunda variante mais frequente foi a fricativa glotal [h] sendo mais empregada pelos falantes de ensino médio (16,79%). Os falantes de ensino superior utilizaram-na em apenas 11,68% dos casos. Uma sutil diferença nestes falantes indígenas, mas que pode confirmar a origem do enfraquecimento de /S/ nas camadas sociais mais baixas (PELICIOLOI, 2008; MAIA, 2017) com vistas a seu difusionismo para diferentes contextos.

Para a variante apagamento fonético [ø] observa-se o emprego maior pelos falantes com nível médio que a realizaram em 8,21% dos casos, ao passo que os falantes de nível superior a usaram em somente 1,46% dos casos.

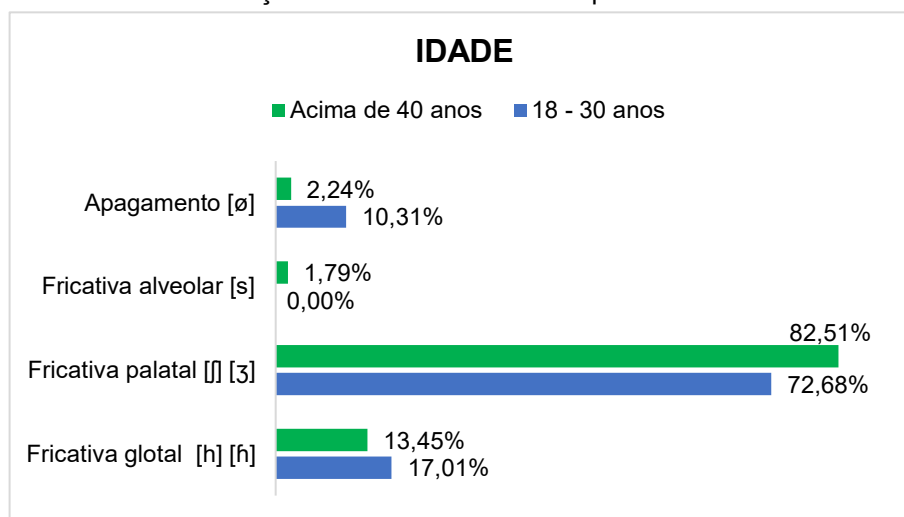
Quanto aos cartogramas fonéticos contextuais, mesmo em um cenário de baixa quantidade de dados, alguns comentários podem ser destacados. Nesse viés, na carta contextual 1, que registra a realização de /S/ diante da nasal /m/ - vocábulo “mesmo”, nota-se que a variação glotal de “mesmo” – [‘mehmʊ] está presente em falantes de maior escolarização com 61% dos registros nos de ensino superior e 51% naqueles de ensino médio; a variante apagamento fonético [ø] foi muito mais recorrente no grupo de falantes com o ensino médio registrando 39% das ocorrências; nos falantes com o ensino superior essa variante foi detectado em apenas 14% dos casos.

No cartograma 2, /S/ diante da africada [dʒ] – vocábulo “desde”, observa-se que os indígenas com ensino médio empregaram mais a variante palatal [ʒ] em 31% dos casos, como em [‘deʒdʒɪ]. O apagamento fonético [ø] foi registrado somente com os falantes do ensino médio, mesmo que esses falantes não tenham utilizado de forma tão recorrente a variante glotal [h], a qual mostra o enfraquecimento de /S/ no presente contexto. A produção de [‘deødʒɪ], no contexto Galibi Marworno, pode estar atrelada a diversos fatores, dentre eles o tempo em que este falando adquiriu a língua portuguesa, além do contato com outras línguas na região, mas essa é uma hipótese a ser confirmada.

No âmbito do cartograma 3, /S/ diante da africada [tʃ], convém destacar o maior uso da variante glotal [h] pelo grupo do ensino médio, ao passo que tal variante foi produzida apenas em 13% dos casos pelo grupo do ensino superior.

5.3.2 Variável idade

A variável idade foi distribuída em dois fatores: i) falantes de 18 a 30 anos e ii) falantes com idade acima de 40 anos:

Gráfico 5: Atuação de /S/ em coda medial quanto à variável idade

Fonte: dados de pesquisa (2023)

No gráfico 5, observa-se um quadro relativamente equilibrado das variantes de /S/ em coda medial no PB amapaense L2 falado pelos indígenas Galibi Marworno, no tocante à idade. A variante palatal continua sendo a mais usada com 72,68% pelos falantes de 18 a 30 anos e 82,51% pelos falantes acima de 40 anos. No que se refere à fricativa glotal [h] houve uma sutil diferença de 3,56% entre os grupos, continuando, portanto, como a segunda mais recorrente.

Em geral e no âmbito do PB L1 nortista, Carvalho (2000) registra o enfraquecimento de /S/ apontando que falantes mais velhos (mais de 46 anos) apresentaram maior frequência de aspiração [h], já os falantes jovens realizaram moderado uso dessa variante e adultos quase não a utilizaram. Ao traçar-se um paralelo olhando para dentro do cartograma contextual 1 e para o PB L2 Galibi Marworno, o grupo dos falantes acima de 40 anos mostrou-se mais produtivo para a produção de /S/ enfraquecido – variante glotal [h] (72%) em comparação com o grupo de 18 a 30 anos (39%). Estes últimos seguiram mais para o apagamento fonético [ø] com 39% dos registros.

De maneira geral, é válido dizer que em relação à faixa etária, no quadro geral, a realização de /S/ em coda medial, no falar dos indígenas Galibi Marworno mostrou-se estável, com pequeno destaque para um maior uso da variante glotal [h] ao zero fonético [ø] – tendência de apagamento – pelos falantes jovens da etnia Galibi-Marworno, o que pode está refletindo um possível quadro de variação estável com uma tendência ao emprego de variantes inovadoras nessa comunidade e no contexto

do português brasileiro L2 falado no Amapá, porém somente estudos posteriores, com um conjunto de dados ampliado, poderão confirmar essa tendência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou estudar e mapear o perfil sociolinguístico de /S/ em coda silábica medial no Português Brasileiro (PB) L2 falado por indígenas da etnia *Galibi Marworno*, moradores do município de Oiapoque – AP. No PB L1 do estado do Amapá, trabalhos apontam que a consoante fricativa palatal [ʃ, ʒ] é a mais presente em posição de coda interna, em cerca de 94% dos casos (RAZKY; SANTOS, 2020). Nas outras regiões brasileiras, duas variantes de /S/ em coda medial apresentam grande recorrência nos registros de fala e dividem as posições mais prestigiadas em relação aos casos encontrados, são elas: a fricativa alveolar [s, z] e a fricativa palatal [ʃ, ʒ].

Nessa perspectiva, neste trabalho objetivou-se registrar tal comportamento. Contudo, olhando para um grupo específico, os quais utilizam o português amapaense como segunda língua. Assim, como não foram encontrados estudos sociolinguísticos variacionistas que mapearam esse grupo, no que tange às realizações do fenômeno em questão, utilizou-se a base teórica de estudos já realizados no PB L1 e as cartas fonéticas do Atlas Linguístico do Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017) a fim de se estabelecer uma relação analógica com os resultados aqui destacados.

Dessa forma no quadro geral da realização de /S/ em coda medial no PB L2 observou-se um caráter de variação linguística, tendo a variante fricativa palatal como a predominante (77,94%), repetindo, assim, o quadro apontado para essa variação no tocante ao PB L1, no Amapá (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017). No entanto, outras variantes de /S/ também ganham destaque, como a fricativa glotal [h] (15,11%) e o apagamento fonético ou zero fonético [∅] (6%), até então não destacadas ainda no PB L1 do estado. A variante alveolar [s] não se mostrou produtiva nos registros do português falado por indígenas Galibi Marworno, aparecendo em somente 0,96% dos casos.

A partir da comparação entre o PB L2 Galibi Marworno e o PB L1 mapeado no ALAP (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017), através da carta F06 e do cartograma fonético geral (dados desta pesquisa), é possível inferir que o PB L2 pode estar mais

passível de sofrer variação, no contexto de /S/ em coda interna, haja vista a predominante variante palatal [ʃ, ʒ] ocorrer em apenas 78% dos casos permitindo, neste caso, 22% de espaço para ocorrência de outras variantes. No entanto, vale ressaltar que outros estudos mais aprofundados e com conjunto de dados maiores e mais atualizados poderão seguir esta linha, a fim de comprovar esta hipótese na comunidade do grupo de falantes aqui considerados.

Nos baseamos em pressupostos fonológicos apresentados por Maia (2017), no PB L1, haja vista a inexistência de estudos que olhem a variável /S/ em coda na variedade do PB L2 Galibi Marworno e, dessa forma, objetivamos discutir a ocorrência de variantes menos prestigiadas e, nesse caso, motivadas pelo enfraquecimento de /S/. Portanto, optou-se por olhar a variável linguística do contexto subsequente.

Nessa perspectiva, nos dados coletados, observamos que o /S/ em coda medial diante das consoantes nasal /m/ e africadas [tʃ] e [dʒ], que possuem o traço [+sonoro], está mais passível de sofrer variação para suas formas enfraquecidas [h, ∅]. Contudo, ressaltamos que como obtivemos poucos dados de contextos subsequentes, essa variável linguística deverá ser aprofundada em estudos posteriores com um número de falantes a fim de confirmar o que fora aqui discutido.

Em relação às variáveis extralinguísticas, no quadro geral, observou-se estabilidade entre elas, ou seja, não houve resultados significativos para afirmarmos que há grandes diferenças entre o falar de jovens e adultos ou mesmo entre graus de escolaridade. Ganha destaque, aqui, a variante zero fonético [∅], na qual percebeu-se indícios de ocorrências na fala dos mais jovens e menos escolarizados, principalmente dentro do vocábulo “mesmo”, bem como a variante alveolar [s], que não foi não utilizada em nenhum contexto pelos mais jovens.

Portanto, a partir dos indícios observados, as variantes enfraquecidas e menos prestigiadas de /S/ estão presentes em todas as variáveis extralinguísticas da comunidade pesquisada e podem estar se consolidando e crescendo em todas as camadas sociais da etnia Galibi Marworno, tal como acontece no PB L1, fato este que também deve ser confirmado em estudos posteriores com um quantitativo maior de dados.

7 REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará** 51, 271-307, 1937.

ALENCAR, M. M. **Aspectos sócio dialetais da língua falada em Fortaleza**. As realizações dos fonemas /r/ e /r/. UFCE. Tese de doutoramento inédita, 2007.

ALMEIDA, J. G.; SANTOS, G. Aspiration and deletion of <S> in coda syllable in Portuguese quilombola of Alto Alegre-BA. **PAPIA**, São Paulo, 26(1), p. 101-112, Jan/Jun 2016.

ARNAUD, E. **Os índios Galibí do rio Oiapoque**: tradição e mudança. 1966.

ARNAUD, E. **Os índios da região do Uaçá**: Oiapoque e a proteção oficial brasileira. Conselho nacional de pesquisas, Instituto nacional de pesquisas da Amazônia, Museu paraense Emílio Goeldi, 1969.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS POVOS INDÍGENAS DO OIAPOQUE – **APIO**. Plano de vida dos índios e organizações indígenas do Oiapoque. Oiapoque: APIO, 2009.

BERÇOT-RODRIGUES, S. F. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. UFAM. Dissertação de Mestrado inédita, 2014.

BENTO, W. B. **Condição periodontal das etnias indígenas Palikur, Karipuna e Galibi Marworno na fronteira franco-brasileira**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 2019.

BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BRANDÃO, S. F. S. Coda de sílaba interna à luz da geo e da sociolinguística. **SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, 2009.

BRASIL, M. C. Os fluxos migratórios na região norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. **Cad. Est. Soc.** Recife, v. 13, n.1, p. 61- 84, jan./jun., 1997.

CALLOU, D.; MORAES, J. A. A norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: Suzana Cardoso (org.) **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

CARVALHO, Amanda da Costa. **Estudo geossociolinguístico do português falado em áreas indígenas Galibi-Marworno e Karipuna**. Orientador: Abdelhak Razky. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14027>. Acesso em: 20/05/2023.

CARVALHO, R. S. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. UFPA. Dissertação (Mestrado), 2000.

CLEMENTS, G. N. "The role of the sonority cycle in core syllabification". In: John Kingston / Mary. E. Beckman (eds). **Papers in laboratory phonology**. Cambridge: CUP 283-333, 1990.

DAY, K. C. N. **A Situação Sociolinguística da Fronteira franco-brasileira: Oiapoque e Saint Georges**. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

FERGUSON, C.; GUMPERZ, J. J. **Introduction in Linguistic diversity in South Asia**. Indiana U. Publications, in Anth., Folklore & Linguistics, Publication 13, 1960.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

FUDGE, E. Syllables. **Journal of Linguistics**. Cambridge, UK, n. 5, p. 254-287, 1969.

GUEDES, R. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Pará (UFPA), 2017.

GUMPERZ, J. Linguistic and social interaction in two communities. In: GUMPERZ, J.; HYMES, D. (Eds.). **The Ethnography of Communication**. vol. 66, nº 6, p. 137-153, 1964

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HOOPER, J. **An introduction to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

IBGE – **Cidade Oiapoque 2016**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acesso em: 01/06/2022.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal factors**. Vol 1. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta P. Scherre e Carolina R. Cardoso. SP: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LEITE, J. E. R. **Sociolinguística interacional e a variabilidade cultural de sala de aula**. Coleção todas as Letras. V. II. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

MAIA, E. G. Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados do sul do Amazonas. **Estud. lingüíst. galega**. Volume especial I, 218: 219-236, 2017.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006

NASCIMENTO, O.; TOSTES, J. A. **Oiapoque – aqui começa o Brasil**: as perspectivas de desenvolvimento a partir da construção da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. Comunicação apresentada no IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), Brasília, 2008.

PELICOLI, R. A aspiração de fricativas na fala de Salvador. In: **Anais do XV Congresso Internacional de la ALFAL**. Montevideu: ALFAL, 2008.

PEREIRA, H. R. J.; OLIVEIRA, J. D. F.; MATOS, M. V. G. Por entre rios e chão: migração e reconfiguração de identidades na história dos povos indígenas do Amapá. In: **Encontro de Descendentes de História da UNIFAP**, 3., 2017, Macapá. Anais. Macapá: Unifap, 23-25 ago. 2017.

PIKE, K., PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. **International Journal of Applied Linguistics**, n. 13, p. 78-91, 1947.

PROETTI, S. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**. v. 2, n. 4, 2017.

RADTKE, E; THUN, H. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAZKY, A. SANTOS, D. C. Estudo comparativo da variação do /S/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte. **Revista Moara**, n. 55, jan-jul, 2020.

RAZKY, A.; GUEDES, R. **Le continuum des regroupements lexicaux dans l'Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALiPA)**. Géolinguistique: La géographie linguistique au Brésil (15 – 2015). UGA ÉDITIONS/Université Grenoble Alpes, 2015.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável /s/ em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 41, Salvador, Programme de Pos-graduação en Langue et Culture, UFBA, 2010.

RAZKY, A. (org.). **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. [CD-ROM]

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, Vanderci Andrade (orgs.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: EDUEL, 1998, p. 155-164.

RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje** (Universidad del Valle), v. 32, p. 313-330, 2010.

RIBEIRO, C. M. R. **Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque-AP**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

RONCARATI, C. N. **Variação fonológica e morfossintática na fala cearense**. UFF. Comunicação inédita, 1999.

SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contacts. In: TRUDGILL, P.; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ESTES, N. eds., **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, p. 638-668, 2001.

SANCHES, R. D. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá – ALIKAP**. Rio Branco: Nepan, 2020.

SANCHES, R. D.; RAZKY, A. Análise geossociolinguística das designações para fanhoso nas capitais brasileiras. **D. E. L. T. A.**, 37-2, 2021 (1-22): 202143836.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. T. 1991. **Variação e Mudança**: o caso da pronúncia do S pós-vocálico. In: ABRALIN. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SELKIRK, E. **The syllable**. HULST. Harry Van Der. SMITH. The structure of phonological representations (part.II). Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

TASSINARI, A. I. M. **No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá**. São Paulo: Edusp, 2003.

THOMASON, S. G. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in society**, v. 1, n. 02, p. 179-195, 1972.

TYPEIT. **Type IPA phonetic symbols**. Online Keyboard (all languages). Disponível em: <https://ipa.typeit.org/full/>>. Acesso em 01 jul. 2022.

VIANA, R. V.; RIBEIRO, C. M. R. Perfil sociolinguístico do /S/ em coda medial em falantes indígenas de português L2 moradores de Oiapoque – AP (Estudo preliminar). In: **Anais do XXVI Seminário de Estudos Linguísticos e Literários (SELL)**: 05-08 out. 2021. p. 111-118, Vilhena, RO: DAELL/UNIR, 2021.

VIDAL, L. Outros viajantes. A trajetória de uma migração. **Revista USP**, n. 46, p. 42-51, 2000.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1951.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

8 ANEXOS

8.1 ANEXO 1: CODIFICAÇÃO E TABULAÇÃO DOS DADOS TRANSCRITOS POR FALANTE

Legenda código: Sexo (H/M) + IDADE + ESCOLARIDADE (EM/ES) + ETNIA (GALIBI)

H44EMGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
26	0	2	0

H25EMGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
57	0	21	18

M21EMGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
58	0	10	1

M30ESGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
20	1	1	0

M41ESGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
7	0	0	0

H46ESGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
28	0	2	0

H20EMGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
--------	-----	--------	-----

26	0	2	1
----	---	---	---

H52EMGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
43	0	12	3

H51ESGALIBI

[j, ʒ]	[s]	[h, ɦ]	[ø]
60	3	13	2